

FESTIVAL CURTAS DE VILA DO CONDE

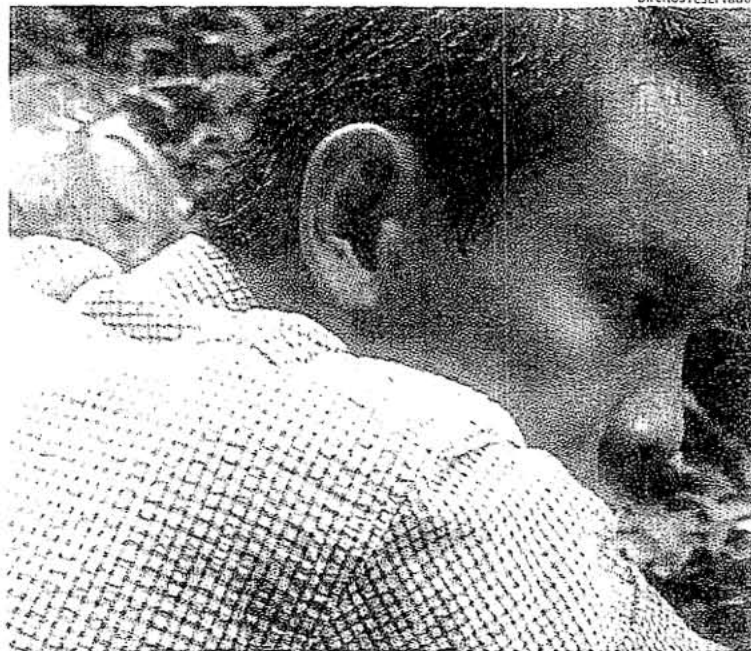
Uma aula de cinema por Weerasethakul

① Marcos Cruz

Apichatpong Weerasethakul, figura de proa da nova geração de realizadores tailandeses, duas vezes premiado em Cannes, é o nome maior entre os convidados do festival vilacondense para a edição em curso. Porém, não fossem as fotografias do catálogo e ninguém repararia nele, tal a discrição com que se movimenta pelos espaços do certame. Gosta de conversar, de se misturar e, mais do que falar dele, de conhecer as realidades alheias. Tem muito a ver com o cinema que faz e sobre o qual, no jeito meio comprometido de quem prefere ouvir as opiniões dos outros, foi discorrendo de forma concisa durante a *masterclass* que ontem lhe estava reservada.

Experiência americana

Após uma breve introdução, em que disse ter nascido há 35 anos numa pequena cidade tailandesa, filho de médicos, e ido estudar arquitetura por não sentir que a escola de cinema do seu país lhe pudesse oferecer o que queria, falou do mestrado com especialização em cinema que o levou até Chicago, onde esteve “quatro anos sem viajar, sempre fechado na sala de projecção a ver fil-



“Waterfall” | A instalação de Weerasethakul pode ser vista na galeria Solar

mes”. Contou que, fascinado pelo experimentalismo, voltou à Tailândia com a ideia de fazer cinema estrutural como o que viu na América, mas cedo se apercebeu de que a diferença de realidades o desaconselhava. “Quando regresssei, em 97, o panorama cinematográfico tailandês tinha mudado. Os filmes antigos de que eu gostava já não se faziam, estava tudo mais no estilo Hollywood,

“O conceito vem primeiro, a história é secundária”, explicou o realizador tailandês, falando sobre a sua obra numa ‘masterclass’

e eu não tinha interesse em ir por aí. Queria voltar à velha narrativa que me apaixonava”, recordou.

Com um computador portátil ao lado, foi apresentando amostras dos filmes que fez desde então, atravessados por uma ideia que o define enquanto cineasta: “O conceito vem primeiro, a história é secundária.” Em *Mysterious Object at Noon* (2000), por exemplo, viajou de Norte a sul da Tailândia com o propósito de pedir a habitantes das várias localidades que visitou para representarem a sua própria ficção, a partir de um fio de argumento que levava e que assim foi crescendo fora do seu controlo. “Em cada sítio as pessoas tinham uma ideia diferente do que era ficção, de acordo com as diversas religiões, crenças, fantasias. Quando editei tudo, fiquei com um filme sobre como fazer filmes. E que espelha o meu fascínio pelo processo de colaboração.”

Transposições

Outro caminho que explorou foi adaptar *soap operas*, *comic books*, novelas radiofónicas e outros conteúdos mediáticos de grande popularidade na Tailândia. “São quase *ready-mades*. Eu mudo-lhes o tom e transporto-os para o tipo de cinema que quero fazer. Interessa-me esse processo rápido, sem grandes análi-

ses”, confessou. Em *Haunted Houses* (2001) usou os dois métodos: “Gravei um episódio inteiro de uma *soap opera*, depois dividi-o em dez, fui para uma aldeia perto da minha terra e pedi aos habitantes para a representarem. E agora eles vêem-se, dentro das suas casas pobres, nos papéis habitualmente entregues a belos actores, que os interpretam em cenários fantásticos.” Misturam-se aqui, claro, uma vontade de conhecer a realidade e outra de a alterar, de fazer experiências com ela.

“O que é a felicidade?” Eis outra das questões recorrentes em Apichatpong Weerasethakul, determinante na realização de *Blissfully Yours* (2002), um filme “mais narrativo, já não tão conceptual” e cujo tempo ficcional se aproxima do real – numa subentendida interpenetração entre o cinema e a vida. O que bate certo com uma certa propensão diarística denunciada pelo percurso cinematográfico do tailandês. “Às vezes filmo só por gozo, nos locais que vou conhecendo. E acontece voltar a eles para outros filmes”, revela. É também uma questão de se “manter activo”, razão pela qual, entre filmagens, aproveita ideias para instalações. Como *Waterfall*, o trabalho que está patente na Solar – Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde, até ao fim do festival. ¶